



RODEIO: UM TEXTO SOBRE GOIÁS

Reijane Pinheiro da Silva*

Resumo

Este artigo analisa o rodeio em Goiás. Visto como a manifestação mais significativa do universo country, o rodeio é apresentado como um momento privilegiado de reelaboração de valores como a masculinidade, a coragem e a audácia. Valores que são recorrentes no imaginário goiano, forjando aspectos de uma identidade sertaneja. Assim como Clifford Geertz (1978) demonstra que os balineses, ao colocarem seus galos para brigar, estão na verdade se defrontando e experimentando os valores centrais de sua cultura, procura-se mostrar como o rodeio diz muito sobre os goianos, sobre seu imaginário, seus valores, sobre o que são e sobre o que acreditam ser.

Palavras-chave: Universo Country; Identidade Regional; Imaginário.

Assim como as exposições agropecuárias, os rodeios movimentam milhões de reais e alcançam um público extraordinário no Brasil. No mês de abril de 2001, a Federação Nacional de Rodeio Completo apresentou, por intermédio do deputado Jair Menegheli, ao Executivo Federal, um projeto de lei que propõe o reconhecimento do rodeio como esporte. A revista *Veja*, de 12 de abril de 2001, p. 71, dedicou um pequeno comentário ao projeto, comparando o rodeio aos esportes mais apreciados pelo público brasileiro.

Segundo os dirigentes da associação, as provas com animais têm regras definidas e exigem um apurado preparo físico e técnico dos participantes. E contam até com torcida própria, aproximadamente 19.000 pessoas por rodada. É uma média de público maior que a dos principais esportes no Brasil. Futebol: média de público: 11.600 –

* Mestre em sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professora da Faculdade Cambury/Goiânia.



Vôlei de Quadra: média de público – 5.800 – Basquete: média de público – 2.100.

O rodeio é uma das manifestações mais importantes no universo country.¹ Segundo Maurício Faria, presidente da Sociedade Goiana de Pecuária e Agricultura (SGPA), teve sua origem entre os tropeiros que, nos momentos de folga, promoviam disputas entre peões. Essas disputas consistiam em avaliar os peões mais fortes e corajosos. Tratava-se dos que conseguiam permanecer mais tempo sobre cavalos e touros bravos, que pertenciam às tropas conduzidas. Era um momento de lazer e também de reafirmação da valentia dos peões. Ainda segundo o entrevistado, corriam entre os peões as notícias de domadores excepcionais de cavalos e bois bravos “como o demônio”. Os donos das tropas promoviam os encontros desses sujeitos, dando início a um evento que ganharia proporções gigantescas, movimentando milhões de reais no Brasil e mais tarde se adequando às regras dos rodeios norte-americanos. Néia Nogueira (1988, p. 41) confirma nas suas pesquisas essas informações:

A Festa do Peão de Boiadeiro surgiu em 1956, sem maiores pretensões, objetivando apenas divertir a população local [Barretos] nas proximidades do seu aniversário de fundação, dia 25 de agosto. Competições semelhantes já faziam parte da tradição local antes do primeiro evento naquele ano. Fazendeiros organizavam disputas e sessões de apostas entre si. Queriam ver quem tinha o melhor peão domador de cavalos que se sustentasse em cima do cavalo do outro.

A festa do peão de boiadeiro de Barretos é hoje a mais importante do Brasil, com ampla cobertura da imprensa nacional. Situada a noroeste de São Paulo, Barretos sempre se caracterizou pela produção agrícola e pela atividade pecuária. Fundado em 1854, o município teve no gado sua principal atividade econômica. A primeira festa do peão realizou-se em 1956 e foi organizada por um grupo denominado “Os Independentes”. O objetivo, segundo Nogueira (1989, p. 44), era “homenagear o herói anônimo do sertão”. A crônica de Suzuki Júnior, publicada na revista Rodeio Life (1993, p. 5), faz alusão à festa de Barretos como algo excepcional e apresenta uma visão romantizada do peão:



Bem-vindos à festa dos corações solitários. Seu moço bem-vindo ao chão preto da fertilidade, à festa perdida no sertão dos corações solitários. Aqui se conta muita história, principalmente as de partir e de voltar. Não é que aqui seja o ninguém é de ninguém, mas o peão (que tem gente que chama de vaqueiro, que tem gente de longe que chama de cowboy) é solitário como o sol que vive longe da lua [...]. No começo você estranhará, mas logo vai se acostumar com o fato de que aqui tudo – mesmo as coisas mais normais, é escândalo também. Seu moço, eu posso falar mal desse lugar porque conheço na carne todas as suas dores, mas você não pode não. Esta é a lei daqui. Eu gostaria de dar o céu para o meu bem, mas aqui na minha terra é no chão que se conhece o limite. É só quem sabe o que é elegância é que poderá vir para Barretos, para a Festa do Peão.

A trajetória constante de viagens e solidão é mistificada como algo que só poderá ser compreendido pelas pessoas envolvidas no cotidiano do sertão. Só pode falar do lugar “quem conhece todas as suas dores”. No sertão, lugar de partida constante, a solidão é algo comum. O peão, um dos personagens desse universo, possui um coração solitário. Assim como também deixa solitários os corações dos seus. Ao aventureiro, sertanejo, peão que não tem lugar fixo, a solidão aparece como inevitável e algo que atinge também as suas mulheres: a mãe, a esposa, como na música Romaria, de Renato Teixeira, interpretada por Elis Regina (1998).

É de sonho e de pó,
O destino de um só.
Feito eu perdido em pensamentos sobre o meu cavalo.
É de laço e de nó, de gibeira, o jiló dessa vida cumprida a só.
Sou caipira pira pora Nossa Senhora de Aparecida.
Ilumina a mina escura e funda o trem da minha vida.
O meu pai foi peão, minha mãe solidão.
Meus irmãos perderam-se na vida a custa de aventuras.
Descasei, me joguei, investi, desisti.
Se há sorte eu não sei nunca vi.
Me disseram porém que eu viesse aqui,
Pra pedir de romaria e prece paz nos desalentos.
Como eu não sei rezar, só queria mostrar meu olhar,
Meu olhar, meu olhar.



Essa construção do peão solitário e aventureiro perpassa manifestações como os versos e as orações. É recorrente a imagem do peão como um errante, cujo estilo de vida não se adapta a nada que é rotineiro, estável e fixo.

Os Independentes definem a festa de Barretos como um exemplo para as outras festas no país:

A Festa de Barretos é uma vitrina. Durante o período do evento acontecem várias festas, para o prazer e deleite de todos os participantes: aniversário da cidade, grandes bailes, boates, festas nos camping, festas nas feiras, no Berrantão e no coreto do parque. Porém o acontecimento maior é o show de rodeio, que não existe similar em lugar algum. Como diz Joãozinho Trinta, com uma energia fortíssima com a magia, a Festa acontece de uma forma bem maior que o próprio carnaval. Aguardamos a todos os amantes da arte de rodeio, na maior festa do gênero do mundo. (RODEIO LIFE, 1993, p. 3)

Dois elementos que aparecem nas citações indicam uma pretensão universalista na construção do peão e da festa de rodeio. Na primeira, o peão, “que tem gente que chama de vaqueiro, que tem gente de longe que chama de cowboy”, independentemente da denominação, parece existir em todos os lugares, é um ser universal, assim como a festa de rodeio, que é apresentada como a “maior festa do gênero no mundo”. A grandiosidade e a idéia de espetáculo (“mesmo as coisas mais normais é escândalo também”) marcam as definições e os comentários dos produtores.

O rodeio transferiu-se do âmbito local e das competições entre peões de fazenda para o âmbito da indústria cultural, e alcança hoje o status de espetáculo massivo. Os agentes promotores são a Federação Nacional de Rodeio Completo e as companhias de rodeio, que oferecem toda a estrutura necessária para o evento. Assim nos diz Cill Farney, assessor da Companhia João Palestino, contratada pela SGPA para realizar a Copa Charles Sampson durante a Exposição Agropecuária de Goiânia, nos dias 23 a 27 de maio de 2001: “A companhia é contratada para realizar o rodeio. Contratam a gente, a gente contrata boiada, touro, locutor, cavalos, juizes, tropeiros. A gente vai à federação e convida os peões”. Existem ainda as companhias de tropeiros que mantêm animais



exclusivamente para as competições. São companhias organizadas em função dos rodeios e com toda a estrutura de cuidados e treinamento de animais: currais, veterinários e transporte. Alguns touros e cavalos são famosos por oferecerem grande resistência à montaria. Exemplo é o touro Paredão, da companhia W.M. O peão que consegue “vencê-los”, no entanto, ganha prestígio e quase sempre garante boa pontuação.

O nome tropeiro era utilizado para designar o condutor de tropas de boiadas e animais de carga pelo país. Já as companhias de tropeiros atuais mantêm animais e os alugam para as competições de rodeio.

É comum no discurso dos agentes promotores o apelo à idéia do rodeio como paixão, como manifestação popular e paixão popular. Os envolvidos diretamente com as companhias dizem fazê-lo por amor ao rodeio e não mencionam os lucros em torno da atividade. Vejamos o depoimento do dono da Companhia João Palestino, ao ser indagado sobre os motivos que o levaram a fundar uma companhia de rodeios, em entrevista concedida no dia 23 de maio de 2001, no Parque de Exposições de Goiânia:

Veja bem, o rodeio tá no sangue de todos os brasileiros atualmente. O rodeio faz 50 anos que começou no Brasil, e eu sou um deles. Só que parece que eu gosto um pouquinho mais, dediquei, eu era pecuarista e decidi a entrar no rodeio. Em 89 decidi a entrar no rodeio como profissional. Em 93 que eu adquiri a companhia de rodeios e estou até hoje. Os motivos que me levou a fazer isso foi a pura paixão pelo rodeio mesmo, pelo esporte. E consegui fazer do meu hobby a minha profissão, e consegui, graças a Deus.

As exposições agropecuárias foram o espaço onde o rodeio alcançou projeção e foi descoberto como evento aglomerador de multidões, alcançando posteriormente autonomia, que se traduz nas chamadas Festas do Peão. É o caso de Barretos, onde o rodeio é a atração fundamental, além dos inúmeros rodeios que são realizados em Goiás, no Paraná, em Mato Grosso, Minas Gerais e os rodeios universitários.

Ao contrário do que ocorria, hoje os rodeios alcançaram autonomia em relação às exposições agropecuárias e se tornaram um dos atrativos principais dessas exposições. Em torno dele se movimenta uma infinidade de símbolos que hoje são sinônimos de country. No rodeio estão os



animais: cavalos chucros e bois bravos, o boi cuja importância para Goiás não se restringe apenas à esfera econômica, mas impregnou o imaginário goiano. O boi é o elemento a que o goiano se apegou no processo de esgotamento da atividade mineradora. Moeda de troca, símbolo de poder, ele se constitui no personagem fundamental da vida goiana e movimentou a vida econômica, os homens boiadeiros, as tropas. Ao levar o gado, esses homens desconheciam o fato de que na verdade era o gado que os conduzia, dando sentido à sua peregrinação, determinando diálogos, significando o cotidiano, envolvendo os mitos, as lendas que se construía no embate diário com o inóspito sertão.

A necessidade de que os animais sejam arreados e perigosos coloca na arena valores, mitos redimensionados e que indicam características do sertão. Em primeiro lugar, é preciso ser homem forte e corajoso para lidar com a brutalidade dos animais. É importante dizer que é uma brutalidade forjada, os animais são motivados a serem brutos, a pularem, a serem arreados, e o sedém² é um elemento fundamental nesse processo, pois ele é amarrado aos testículos dos animais minutos antes do início da prova.

As arenas de rodeio na sua maioria têm formato circular. No entanto, existem algumas que variam entre o triangular e o formato de ferraduras, como a de Barretos. Grades de proteção separam a arena das arquibancadas e dos camarotes. Os bretes geralmente se situam distantes da arquibancada, onde fica o público espectador. O brete é um corredor semelhante aos utilizados para a vacinação do gado. Feito em madeira, oferece espaço mínimo para a movimentação do animal, o que não impede que ele demonstre resistência, debatendo-se contra as grades. Os animais saem dos pequenos currais diretamente para os bretes, onde são preparados para a montaria. Ali, o sedém é amarrado e um peão monta o animal. Vale salientar, todos os espaços nas grades e madeiras que circulam a arena são cobertos com faixas de propaganda e cartazes com frases e símbolos dos patrocinadores, que têm o seu nome mencionado com muita frequência pelo locutor.

Ao lado dos bretes, são instalados os equipamentos de som e geralmente um trailer das companhias organizadoras do rodeio, que abriga técnicos, assessores, assistentes, fotógrafos e tropeiros. Nos camarotes ficam as autoridades: prefeitos, deputados, secretários de governo, governadores, pecuaristas, diretores das entidades de classes do setor



agropecuário e seus familiares. É comum também a presença de modelos, cantores e atores de novelas. A movimentação na arena é restrita aos assessores das equipes de locução e aos fotógrafos e repórteres. Além, é claro, dos que permanecem todo o tempo no comando, assessoria e julgamento. Caso dos locutores, juízes, palhaços e tropeiros.

Via de regra, não há rodeio sem oração. Salvo as diferenças de produção das aberturas, todos começam com as orações dedicadas à padroeira dos peões no Brasil, Nossa Senhora Aparecida. No Pite Clube de Rodeios Asa Branca, em Trindade, Goiás, no dia 3 de agosto de 2000, o locutor Alessandro Cunha entrou na arena ao som estridente de uma música country e, enquanto dançava e pulava, pedia as palmas do público. Anunciou, em seguida, as atrações da noite, os patrocinadores e, entre um verso e outro, referia-se à beleza das mulheres e à coragem dos peões:

Lá em casa minha mãe teve três filhos,
Cada um faz o que quer,
Um nasceu pro rodeio, outro pro café.
Eu nasci para ser locutor e beijar a boca das muié.
Aqui o povo é goiano, aqui o sistema é bruto.

Após a entrada dos peões, madrinheiros,³ juízes e tropeiros na arena e após a saudação que os peões dedicam ao público, o locutor pede silêncio e que todos tirem o chapéu e coloquem seus corações para rezar. A música Nossa Senhora, de Roberto Carlos, é utilizada como fundo musical. Um cavaleiro entra na arena com a imagem da Santa Aparecida nas mãos. Alguns peões se ajoelham e todos abaixam a cabeça. O locutor pede, teatralizando através do tom da voz e das expressões faciais emocionadas, que a Santa proteja “os seus filhos peões”. Terminada a oração, há um rápido desfile de animais e o anúncio da presença do “maior locutor do Brasil”, Asa Branca, e de Ivete Sangalo, que fará o show de encerramento. Frequentemente o locutor recorre a versos, arrancando palmas do público. Antes do início das provas, ele anunciou o “currículo” dos peões e dos cavalos, indicando as tropas e companhias a que eles pertencem, e apresentou os madrinheiros.

A prova realizada em Trindade (GO) consiste na montaria de cavalos, em que o peão segura as rédeas com uma das mãos e deve



manter a outra levantada. Não pode, em hipótese nenhuma, “apelar”, ou seja, segurar as rédeas com as duas mãos. Ao montar, o brete é aberto e o peão aperta as esporas, devendo permanecer montado no animal pelo menos dez segundos, para que possa marcar pontos. Os juízes avaliam, entre outros aspectos, a resistência oferecida pelo cavalo. Se ele não pular, ou simplesmente disparar a correr pela arena, o peão não marca pontos. Observa-se também a postura do peão na montaria. Ele deve evitar que seu corpo flexione excessivamente para frente e também deve evitar cair para os lados. Isso significa que não adianta “parar” de qualquer jeito no cavalo. A montaria deve ser uma amostra de altivez, força, elegância.

A prova “montaria em cavalos” no Brasil apresenta muitas diferenças em relação ao rodeio em cavalos no Estados Unidos, apesar da incorporação das regras norte-americanas para a maioria das provas de rodeio no Brasil, o que ocorreu na festa de Barretos e se espalhou por todas as outras. O rodeio em cavalos norte-americano tem duas modalidades. Uma é chamada de Bareback. Nesta, o peão, sem estribo, segura em uma alça de couro cru, presa à sela, e esporeia o pescoço do animal. A outra, chamada de Saddle Bronc, é disputada com o peão usando sela americana e estribo. Segura o cabresto e esporeia as paletas (antebraços) e as nádegas do cavalo. A montaria em touros, segundo Alem (1996, p. 195), foi adotada no Brasil oficialmente a partir de 1983, “à medida que a configuração sertaneja como um todo foi privilegiando sua face country norte-americana”. Muitas adequações foram necessárias para que o rodeio brasileiro se mesclasse com o norte-americano. Era preciso internacionalizar o rodeio nacional. Dessa forma, muito distintas das vaquejadas e touradas, surgem novas modalidades, como também as descritas por Alem (1996, p. 195-196):

1– Montaria em cavalos no estilo brasileiro. No cavalo com sedém o peão monta sobre sela com estribo, segura as rédeas com uma das mãos e mantém a outra levantada, enquanto esporeia do pescoço às paletas do animal por 10 segundos. O julgamento da prova é feito por dois ou três juízes sob critérios da resistência aos pulos e da “elegância” da montaria. Vários detalhes colaboram para o sucesso ou fracasso do peão. O cavalo não deve disparar, parar (embuchar) ou pular para um lado só, o peão não deve baixar a mão



levantada ou buscar apoio com ela, nem deve escorregar para os lados (dando luz) ou flexionar demais o corpo para frente, enfim, não pode sentir os pulos como “mala de louco”. Se cair antes dos 10 segundos sua pontuação baixa o desclassifica. Para sair do animal depois do tempo regular, o peão recebe apoio de “padrinhos” cavaleiros, que o ajudam a desmontar e desarmam o sedém, libertando peão e animal. Nesta prova o rodeio brasileiro apresenta as principais diferenças com o norte-americano, que usa as modalidades Bareback (animal com sedém, o peão sem estribo segura em alça de couro cru presa à sela e esporeia o pescoço) e Saddles Bronc (o animal com sedém, o peão com sela americana e estribo segura no cabresto, esporeando nas paletas – antebraços – e nas nádegas do animal).

2 – Montaria em touros, Bull Riding ou Bull Ride. No touro com sedém, o peão monta sem arreios, segurando, com luvas grossas, em uma corda amarrada por baixo e detrás das pernas dianteiras e sobre o dorso do animal. Deve esporear por oito segundos. Para sair, o peão salta e recebe apoio de palhaços, que desviam a atenção do touro.

3 – Provas de bezerro, modalidades Calf Roping e Team Roping. A primeira tem uma versão brasileira chamada prova do laço no bezerro, praticamente igual. Consiste em o cavaleiro perseguir e laçar um bezerro pelo pescoço, desmontar, amarrar três de suas pernas e erguer os braços sinalizando para o juiz o fim. Vence o cavaleiro mais rápido na prova. Na segunda, também contra o cronômetro, dois cavaleiros perseguem um garrote, um laça os chifres e o outro as pernas traseiras; rapidamente, correm para lados opostos, esticando e imobilizando o animal.

4 – Prova do Tambor. Cavaleiro ou amazona contornam três tambores que formam um triângulo. A partida e a chegada estão a 18,3m do meio da base do triângulo. Prova contra o cronômetro, exige perícia para evitar toques e derrubadas dos tambores. Regulamentada pelas associações de equinocultura, é uma prova clássica com freqüente participação das mulheres.

5 – Steer Wrestling, Bulldogging ou Bulldog. Dois cavaleiros partem em perseguição a um boi. O primeiro emparelha com o boi para alinhar sua corrida, o outro cavaleiro salta, agarra-o pelos chifres, torce seu pescoço até derrubá-lo, em prova contra o



cronômetro. Exige força e técnica do cowboy para evitar que o boi o arraste aos pulos, em vexame.

Na copa Charles Sampson de Rodeio, ocorrida na 56ª Exposição Agropecuária de Goiânia, em maio de 2001, a disputa foi montaria em touros, cujas regras são a montaria sem arreios, em que o peão deve segurar também com uma das mãos em uma corda amarrada detrás das pernas do touro. Deve permanecer sobre o animal por oito segundos.

Um dos rodeios mais importantes do Brasil é o Cowboy do Asfalto, realizado em Goiânia há dez anos, sempre no mês de agosto. Esse evento surgiu por iniciativa do Agrobos Club. Fundando em 1988, em Goiânia, o grupo tinha como objetivo agregar os jovens adeptos do country e promover bailes, shows, festivais de música country e encontros de cowboys. Com referência a esse rodeio, destaco trecho de artigo publicado na revista Rodeio News (1990, p. 10-11):

Reuniram-se dez jovens empresários que de uma maneira ou outra são ligados ao meio rural. Devido ao seu bom relacionamento, este grupo de jovens saiu em busca de patrocinadores e obtiveram sucesso para fazer o primeiro rodeio com a ajuda de uma companhia de rodeios. Já o segundo rodeio foi todo feito pelos rancheiros. O resultado deste II Cowboy do Asfalto foi excelente, pois conseguiram mobilizar toda a população de Goiânia. Todos queriam ser cowboys nos dias de rodeios.

Não há diferenças significativas entre os rodeios. Todos começam com a oração, os versos são repetidos freqüentemente e o papel representado pelo locutor também segue um padrão, a entonação da voz, a reafirmação do amor pelo rodeio e pelas mulheres. O que pude perceber comparando os rodeios que freqüentei ou a que assisti pela TV é que eles seguem um enredo único, como nos diz Pimentel (1996). Em Goiânia, durante a copa Charles Sampson de rodeio, a oração ganhou aspectos de show. Um globo foi colocado no centro da arena e, com apelos emocionados do locutor, se abriu, revelando a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Uma dupla de cavaleiros cantou a música Nossa Senhora. O cantor principal vestia um terno branco e montava um cavalo igualmente branco. Focalizados pelo jogo de luzes, eles brilhavam como uma “aparição” no meio da arena.



Parafrazeando Geertz (1978, p. 203), “da mesma forma como a América do Norte se revela num campo de beisebol, num campo de golfe, numa pista de corridas ou em torno de uma mesa de pôquer”, afirmo que grande parte de Goiás se revela no rodeio. Geertz está se referindo à briga de galos em Bali, onde, segundo ele, aparentemente são os galos que brigam, mas na verdade são os homens que se defrontam.⁴ Geertz demonstra como, nas brigas de galos, os balineses dizem sobre si mesmos. Ou seja, por meio delas, eles se representam.

Em primeiro lugar, elas revelam um sentimento ambivalente em relação à animalidade, repudiada explicitamente pelos balineses, que impedem as crianças de engatinharem e comerem em público, por acreditarem que isso os aproxima dos animais. Por outro lado, essa animalidade é celebrada no momento da rinha. Os balineses, dessa forma, não se identificam apenas com o que Geertz chama de “eu ideal”, mas também e simultaneamente com o que mais temem e odeiam e o que mais os fascina: os poderes das trevas. Temendo que os demônios animais destruam e devorem suas vidas, os balineses oferecem as rinhas sangrentas como sacrifícios para acalmar a fúria canibalesca e a sede de sangue dessas entidades.

Ao analisar e descrever a briga de galos em Bali, Geertz toma a cultura como “uma reunião de textos” e entende que, assim como a organização social, os padrões de educação para as crianças, as formas de lei e os estilos de transe, a briga de galos é uma estrutura simbólica fundamental para compreender o grupo social balinês no que se refere ao lugar ocupado pela violência, pelo machismo, pela masculinidade e pela rivalidade.

Quanto mais alto o volume de dinheiro envolvido nas apostas, maior a euforia em torno delas. Mas é preciso considerar que não é o dinheiro que torna a briga de galos balinesa absorvente, mas o que o dinheiro faz acontecer, ou seja, ela promove a migração da hierarquia de status para o “corpo da briga de galos”. Ela traduz, além de uma representação esopiana do ideal/demoníaco, altamente narcisista, e de uma afirmação da masculinidade, o sistema hierárquico estratificado e o prestígio que deriva dessa organização. A briga de galos é vista, nessa perspectiva, como “um banho de sangue de status”. Ela dramatiza as preocupações de status porque os homens disputam poder por meio de seus galos.



Sangue, multidões e dinheiro⁵

Diferentemente do que ocorre no rodeio, a briga de galos em Bali não promove mobilidade social, mas dramatiza preocupações de status e exibe tensões e paixões sociais “em meio ao sangue, multidões e dinheiro”. Como já foi dito, o rodeio movimenta um volume de dinheiro muito grande em Goiás, no Brasil e no mundo e promove uma alteração significativa nas condições econômicas dos peões vencedores, que, na sua maioria, são oriundos das classes menos favorecidas.⁶ Por outro lado, acredito, como Geertz (1978), que o fundamental é o que acontece na arena. Os dramas, os valores, as representações manifestadas no momento em que homem e animal se enfrentam são tão importantes como a classificação do rodeio como um evento em torno do qual giram cifras milionárias.

Os balineses colocam na rinha sua masculinidade, sua ordem social, o ódio abstrato, o poder demoníaco: “a matança na rinha de galos não é um retrato de como as coisas são literalmente entre os homens, mas de como elas são do ponto de vista da imaginação, o que é bem pior” (Geertz, 1978, p. 314). Um ex-peão que teve o rosto quebrado em doze lugares, e se submeteu a inúmeras cirurgias para voltar a ter uma aparência razoável, comenta a emoção de estar na arena:

Eu fui peão durante nove anos [...]. Eu parei de montar em 1999. Devido ao acidente que tive, quebrei o rosto em vários lugares. Passei por doze cirurgias pra melhorar um pouco mais a fisionomia. O que eu falo para você, tá lá em cima, é bom demais. Foi difícil. Até hoje eu não dei conta. Eu vejo os amigos montando e fico naquela vontade, expectativa: será que um dia eu volto a montar? Voltar eu não sei se volto não, acho que não dou conta de voltar mais, mas que a adrenalina é grande, é [...]. O cara que é peão, já montou na vida, ele não dá conta de parar, não dá conta de parar de jeito nenhum, dizer vou sair do rodeio. Ele tem que tá envolvido. Ele pode parar de montar, mas tem que tá envolvido no rodeio, ele tem que ser um juiz, um assessor, tem que ter uma companhia. Geralmente os peões que param eles viram tropeiro. Tropeiro que compra boi e cavalos. E juiz, a maioria vira juiz.



O envolvimento no rodeio é apresentado como algo para a vida inteira. Uma paixão da qual nenhum dos que a experimentaram pode se livrar. É como se o rodeio passasse a fazer parte da vida do peão, dando sentido, emoção e alegria. Nem mesmo os traumas, as fraturas e lesões, às vezes irreversíveis, afastam os peões da sua paixão maior.

Não é novidade constatar que a violência ou a iminência dela atrai multidões em todos os lugares do mundo, desde a Antigüidade, quando os gladiadores romanos levavam milhares de pessoas ao delírio. Para Geertz (1978, p. 317), o provérbio segundo o qual “cada povo ama sua própria forma de violência” pode ser aplicado à briga de galos em Bali, que é “a reflexão balinesa sobre essa violência: sobre seus usos, sua força, sua fascinação”.

O rodeio é fundamentalmente masculino. As mulheres competem na modalidade chamada de prova dos três tambores, que consiste em contornar, em menor tempo possível, obstáculos na arena. Ainda que existam mulheres que montam bois e cavalos, elas são exceção. O rodeio é esporte de homens que, acredito, celebram e constroem sua masculinidade⁷ na arena. Além disso, sonham com a possibilidade de fascinar a multidão ávida por emoções e, ainda que de forma inconsciente, ávida por violência, uma violência transformada em ritual, que provoca emoções. Não há estatísticas que se referem ao número de peões lesados definitivamente. Mas todos os que entrevistei exibem cicatrizes no rosto ou história de acidentes graves na arena. Reginaldo Moraes, peão participante do 8º Rodeio Show de Aparecida de Goiânia (GO), montava desde os 14 anos; em 2000, “ficou encostado” e hoje vive do aluguel de um carro velho utilizado pelos palhaços para divertir o público nos rodeios.

Além da violência dos tombos, que freqüentemente são acompanhados por risos da platéia, há também a violência contra os animais, que têm os testículos apertados pelo sedém minutos antes de entrarem na arena. Em consequência disto, há um movimento nacional pelo fim dos rodeios, que tem no Brasil adeptos como a cantora Rita Lee. Os agentes promotores afirmam que o sedém não machuca os animais e que é usado para ajudar no equilíbrio dos peões. No texto a seguir, o autor argumenta em defesa do rodeio, em resposta a um interlocutor que defende o seu fim, em função dos maus-tratos dispensados aos animais.



O que você tem contra o rodeio?

Outro dia, caminhando, encontrei uma pessoa que me chamou a atenção, numa roda de amigos. Ele defendia com todas suas forças a extinção do rodeio. Ao me ver, não perdeu tempo, logo foi desfazendo de algo que tanto defendo.

Sem pensar, começou a me questionar: me fala sobre os maus tratos com os animais? Com certeza ele desconhece os inúmeros laudos técnicos sobre o rodeio, comprovando que o mesmo segue normas rígidas da Federação Nacional de Rodeio Completo. Além do mais, todos sabem que o maior patrimônio de um tropeiro são seus animais, seu ganha-pão.

Continuando, me questiona sobre a emoção que o rodeio pode trazer a uma pessoa. Mais uma vez não hesito. Esta pergunta é digna de quem não participou da abertura do rodeio de Novo Horizonte/2000, no qual a APAE levou crianças que, com a equoterapia e muito amor, tiveram impressionantes melhoras. Talvez ele não tenha visto o brilho no olhar de um pai ao ver seu filho, que antes só se locomovia através de uma cadeira de rodas, caminhar até seus braços. (SANTORO, 10 de julho de 2001, p. 1-2)

O que pude observar é que os bois normalmente não pulam sem o sedém. É comum a movimentação de bois na arena, liberados quando há necessidade de organizar o tumulto dos currais, andando ou correndo sem pular e sem atacar os palhaços, peões, locutores, juízes ou fotógrafos e sem investir contra as grades de proteção das arquibancadas. Contudo, o que os tropeiros dizem é que o animal é violento por natureza e, por isso, o homem que o enfrenta desafia sua brutalidade, sua selvageria e, mesmo perdendo, “não parando no boi”, transforma os segundos da montaria em um espetáculo de movimentos brutos, emoções fortes, violência, aventura.

O que o rodeio nos diz sobre os goianos e sobre Goiás, assim como a briga de galos em Bali, se manifesta por meio de um “vocabulário de sentimentos”. Ao falar da profissão de peão, um dos competidores que participou da Copa Charles Sampson, em Goiânia, ressaltou as emoções da montaria em trouros:

É uma emoção gostosa. A gente vem numa festa dessas e o público é muito grande e a gente fica motivado para montar no boi. Então é



uma sensação muito gostosa. Eu trabalhava em fazenda e mexia com inseminação artificial, mas vim pro rodeio, porque no rodeio dá mais [dinheiro]. Aprendi a montar treinando na fazenda, fui aperfeiçoando e vim pro rodeio. O touro é perigoso, sem falar que é touros de 800 e até 900 kg, pesados, são bravos. Então, é adrenalina total. Você tem que tá concentrado ali e fazer o melhor possível pra se defender dele. O público se emociona com a montaria, aplaude e a gente se comove mais ainda. Por isso faz tudo pra parar no boi.

Ao se referirem aos rodeios como “adrenalina” ou como uma “paixão sem cura”, os peões, o público, os produtores falam de si mesmos, falam da sua região, das representações que partilham, e buscam legitimar a paixão pelo rodeio por intermédio de um elemento biológico, que é a adrenalina. O mesmo fez João Palestino, já referido anteriormente, ao afirmar que “o rodeio tá no sangue de todos os brasileiros atualmente”. Essa recorrência ao biológico, à adrenalina, não é exclusividade do rodeio, mas é uma expressão freqüente quando há referências aos chamados esportes radicais. No country, praticamente todos os entrevistados utilizam o argumento de que “o rodeio é adrenalina pura”. Interpreto que essa recorrência à biologia se deve à necessidade de afirmar que essa paixão pelo rodeio é real. É tão real “que tá no sangue dos brasileiros”.

Identificar o que atrai os goianos aos rodeios implica considerá-los como um texto, onde eles escrevem e lêem sobre o que são, o que imaginam que são e o que gostariam de ser e, assim como a ambivalência dos sentimentos dos balineses em relação à animalidade, sobre o que repudiam. Nas entrevistas, alguns peões falaram da possibilidade de ficar ricos e famosos com o rodeio e muitos se dizem esperançosos com o reconhecimento do rodeio como esporte.

Acampados nos fundos do terreno onde foi realizado o 8º Rodeio Show de Aparecida de Goiânia (GO), os peões Lúcio Pietro e Carlos Rodrigues sonham com o prêmio, um carro Fiat Uno, no valor de R\$ 13.600. Ambos vivem do que ganham no rodeio. Lúcio já ganhou três carros e 16 motos, em 14 anos de profissão. Airton de Rezende, peão de Pires do Rio (GO), ganhou no ano de 2000 duas motos e R\$ 10 mil em dinheiro. Participou de 20 torneios. Questionado sobre os riscos da profissão, diz que ser peão “é melhor que trabalhar na enxada”. Essa afirmação traz novamente à tona a idéia de superioridade da pecuária



em relação à agricultura. A atividade do peão vista como aventura é melhor que o trabalho na agricultura, implicitamente sugerido como algo penoso, limitado, cujas recompensas e cujo reconhecimento não existem. O rodeio, apesar dos riscos, é visto como uma possibilidade de alcançar fama e dinheiro.

A busca de status em todas as formas que ele assume é um dos objetivos dos peões, mas essa busca esconde o fato de, ao serem ovacionados, ao receberem prêmio em dinheiro ou carros, eles tornam-se-se os “heróis” e representantes daquilo que a sociedade imagina sobre si mesma, enfim, a coragem, a força, o sertão, a selvageria e a necessidade de que o homem seja bruto para sobreviver em meio à brutalidade.

Ao colocarem na arena sua própria masculinidade, os peões reelaboram o mito do “sertanejo forte”. É o sertanejo que o peão representa, ainda que revestido pela aura da modernidade que a configuração country lhe impõe, ainda que denominado cowboy. Nas palavras de Guimarães Rosa, “viver é muito perigoso”. Esse perigo, modernamente chamado de adrenalina, apresenta o sertão como um espaço onde o homem precisa ser um forte, ainda que em um contexto já modernizado. É perigoso viver no sertão; no “sistema bruto”, os homens precisam ser brutos. Acredito que este é o texto que o rodeio manifesta. Nesse sentido, o rodeio pode ser visto como um palco ritual para a celebração da masculinidade. Todo o cenário é montado para uma espécie de culto ao homem másculo, forte, corajoso. O culto ao mito do sertanejo forte.

O rodeio, por sua vez, sintetiza uma concepção de masculinidade perpassada pela afirmação da força e da coragem e, ainda, pela necessidade de dispor de muitas mulheres. A representação do ideal de peão, que aparece nos versos e em alguns símbolos, é heróica, épica e enfatiza a malandragem que, sem dúvida, remete ao outro mito, qual seja, ao do caipira esperto, eternizado nos filmes de Mazaropi e nas histórias de Pedro Malazartes.

Além da malandragem como característica ideal, a representação da aventura, em oposição ao trabalho (HOLANDA, 1999), está nas definições da vida do peão. Ele é imaginado como um aventureiro por excelência. Alguém que não tem lugar fixo, tempo certo e, fundamentalmente, é um solitário.



Na definição de Suzuki Júnior (RODEIO LIFE, 1993, p.5), a festa do Peão de Barretos é a “festa dos corações solitários”. A imagem heróica de um aventureiro corajoso e solitário é recorrente nos versos e nas orações. A atividade econômica do vaqueiro ou peão é incompatível com a vida regular imposta pela família. A solidão é dada pelas condições do sertão, da atividade de conduzir o gado, da mobilidade constante, da aventura ilimitada, perigosa e apaixonante:

Para fazer tudo que eu gosto,
Nunca tive lugar nem horário.
Moro embaixo do chapéu,
Não carrego calendário.
Minha língua é muito simples,
Não conheço dicionário.
No rodeio sou mestre,
Mas na escola fiz só o primário.

O aventureiro é perigoso para a família monogâmica. Como está dado nos versos, ele conquista todas as mulheres, sejam elas santas ou pecadoras:

Morena linda do cabelo comprido,
Por você eu passo chuva, eu passo sol.
Passo até por seu marido,
Para chegar debaixo do seu lençol.

Mulher pra mim não tem solteira e nem casada,
Comigo é assim. Começa de dia e termina de madrugada.

A ética do trabalho, oposta à ética da aventura, condena o comportamento irresponsável do aventureiro:

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro: audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem, tudo, enfim, que se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo. (HOLANDA, 1999, p.44)



Para o aventureiro, identificado aqui com o peão, a aversão a tudo que é fixo – casamento, agricultura (“ser peão é melhor que trabalhar na enxada”), regularidade do calendário e moradia fixa – se apresenta como um aspecto da sua identidade. Essas representações presentes nos versos e nas entrevistas sinalizam para um embate entre agricultura e pecuária, ou aventura e trabalho. O peão, como apresenta Hugo de Carvalho Ramos, “é um elemento movediço”. Acredito que essa recorrência à instabilidade impregnou também as concepções de gênero no universo country. A mulher é por vezes santa, por vezes pecadora, perigosa e amável, objeto de desejo e de desprezo:

Meu cavalo e minha mulher caíram num poço fundo.
O cavalo eu tirei ligeiro, num prazo de um segundo.
A mulher eu deixei lá porque tem muitas no mundo.

Da morena eu quero um beijo.
Da loira eu quero um abraço.
Para casar com esse peão,
Só se for pegando no laço.

Acredito, por outro lado, que o rodeio é um elo de Goiás com a nação. É uma forma de dizer que nós também somos sertanejos. De acordo com Alem (1996, p. 181-182), o sertão impregnou o imaginário nacional:

Depois de Rosa [Guimarães Rosa] e outros, o estoque simbólico extraído do mundo sertanejo fixou-se no imaginário social brasileiro como uma das expressões máximas do ser nacional-universal em uma dimensão de complexidade que jamais poderia ser apreendida em certas reproduções homogeneizadoras e genéricas. Mas, neste caso, evidentemente, não se trata de Rosa e sim do que foi extraído do conjunto das representações de sua obra, bem como de outros escritores. Trata-se, também, dos elementos escolhidos das práticas sociais dos sujeitos dramatizados nessas obras e que ganharam certa legitimidade simbólica para serem alçados à categoria de mitos passíveis de parcialização e mercantilização homogeneizada e massificada.



Esse estoque simbólico sertanejo, impregnado no imaginário nacional, e manifestado nos rodeios e nas exposições agropecuárias, insere Goiás na nação. O rodeio manifesta o quanto somos sertanejos, tanto quanto o interior de Minas Gerais, o interior de São Paulo, o interior do Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, regiões onde os rodeios e as exposições também movimentam multidões e dinheiro.

É preciso considerar, no entanto, que, ao domar a brutalidade, as regras do rodeio impõem que isso seja feito com elementos de civilidade. Isso se refere ao fato de que não é suficiente que o peão permaneça no animal de qualquer jeito, sem estilo.⁸ É fundamental que o faça de forma elegante, altiva, sem permitir que seu corpo se movimente bruscamente de um lado para outro. Assim, ao mesmo tempo em que o rodeio celebra o mito do sertanejo forte, ele afirma, ritualisticamente, que a civilização é superior ao sertão.

A recorrência à adrenalina que caracteriza os discursos dos peões coloca o rodeio na condição de uma manifestação agonística, ou seja, a peleja, a briga com o animal, a possibilidade de lesões, os riscos de morte, as fraturas, as cicatrizes tornam o enfrentamento homem/animal algo agonizante, mas, ao mesmo tempo, esperado, aplaudido, emocionante e heróico. A recorrência a um elemento biológico como a adrenalina indica, ainda, a necessidade da intermediação da natureza para legitimar a paixão pelo rodeio.

O rodeio reinventa e ritualiza a brutalidade. Apesar de não nos depararmos com as mesmas condições hostis que os desbravadores bandeirantes enfrentaram, essas condições ainda permeiam o nosso imaginário e buscamos o seu enfrentamento, ainda que ritualizado no momento do embate entre o homem e o animal. Nessa perspectiva, vejo o rodeio como um texto sobre Goiás, no sentido atribuído por Geertz (1978). Por meio dele, os goianos falam sobre sua masculinidade, sobre o que são, sobre o que imaginam que são. Na arena, eles exibem sua masculinidade e sua história e impõem a si mesmos o enfrentamento da brutalidade.

Abstract

This article analyzes the rodeo in Goiás. Seen as an event more significant of the country universe, the rodeo is presented as a privileged moment of recreation of values,



as masculinity, courage and audacity which are constant in the goiano's imaginary, forging aspects of a "identidade sertaneja". As Clifford Geertz (1978) shows that when Balinese people put their cocks to fight, in fact they are facing themselves an experimenting they main values of their culture. Here I intend to present how the rodeo tells a lot about the goianos, their imaginary, their values, what they think they are and what they really are.

Key words: Country Universe; Identity; Imaginary.

Notas

1. A partir de década de 1990, a denominação country passou a ser utilizada para fazer referência a inúmeros eventos relacionados ao universo rural em Goiás. Segundo Alem, que elegeu o country como objeto de estudo para sua tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo em 1996, a música sertaneja, as festas do peão, as exposições agropecuárias, o vestuário que tem relação com a tradição pastoril são elementos que foram apropriados pelo movimento country, que os dissolveu e os representa como homogêneos. Para Alem (1996, p. 56), o country: "Remete ao tipo social do cowboy norte-americano ou a certos tipos sociais de recortes imprecisos, rebuscados em imagens de fazendeiros norte-americanos dos Estados do Texas, do Arizona ou do Colorado. Filmes de bang-bang, revistas em quadrinhos, country-music, jornalismo de variedades, material publicitário sobre o mundo rural norte-americano certamente estão nas raízes do emprego do termo country no Brasil e impregnaram fortemente nosso imaginário social sobre uma ruralidade épica, heróica, cheia de tipos sociais valentes e corajosos e, principalmente, materialmente rica".
2. O sedém é uma corda de couro, com pontas feitas de crina de cavalo. É amarrado à virilha do animal para provocar os pulos e motivá-lo a levantar as pernas traseiras. O objetivo da utilização do sedém e da espora é evitar que o animal dispare a correr ou simplesmente pare. Segundo Alem (1996, p. 156), "o sedém foi introduzido no rodeio brasileiro a partir do rodeio americano".
3. No rodeio com cavalos, os madrinheiros reconduzem o animal ao brete e ajudam os peões a desmontar e a desamarrar o sedém. Utilizando a montaria, perseguem e dominam o cavalo, segurando-o pelo pescoço, ou com o auxílio de laço. No rodeio com touros, essa tarefa é realizada pelos palhaços, que dançam e pulam na frente dos touros, tentando evitar que ele invista contra o peão.
4. É incontestável a identificação psicológica dos homens balineses com os seus galos. "Bateson e Mead sugeriram até, levando em conta a concepção balinesa do corpo como um conjunto de partes separadas animadas, que os



- galos eram vistos como pênis separados [...]. Até a própria Ilha é percebida como tendo o contorno de um galo pequeno, orgulhoso, ereto, com o pescoço estendido, o dorso arqueado, o rabo levantado” (GEERTZ, 1978, p. 283, 285).
5. Geertz analisa toda a movimentação em torno da briga de galos em Bali como um espetáculo que envolve penas, sangue, multidões e dinheiro (1978, p. 310).
 6. Segundo Alem (1996) e Pimentel (1996), os peões vivem em precárias condições. Para acompanhar as companhias de rodeio, muitas vezes dormem ao relento e se alimentam mal. Abandonam seus empregos (geralmente sub-empregos nas cidades, ou trabalho de vaqueiro nas fazendas) e investem seu tempo nos treinos. Não há lei em vigor regulamentando a profissão de peão. No entanto, projeto de lei em tramitação, já aprovado e em fase de regulamentação, reconhece o rodeio como esporte e garante direitos trabalhistas para os peões.
 7. A masculinidade e a coragem do peão são representações muito presentes nos versos country e se relacionam ao enfrentamento dos perigos da montaria em animais. Eles são treinados e preparados para ser “duros” e conquistar muitas mulheres.
 8. A expressão utilizada pelos adeptos para fazer referência aos peões que não sabem montar, que são deselegantes, que não têm estilo, é mala de louco. Importante ressaltar que existe um vocabulário country, ou seja, expressões e palavras utilizadas especificamente nos rodeios e festas agropecuárias. Como exemplo, cito as seguintes: Abeia: brega ou falso peão, o que não agüenta o tranco. Apelo: falta cometida pelo peão durante a montaria. Lagarta no algodão: expressão usada nos momentos de risco. Traia: a roupa do country. A origem é a antiga tralha dos peões: arreio, baixeiro, cabeçada. Escorpião: peão pão-duro. Faiado: cowboy de araque. Sites: www.rodeionline.com.br/ www.peacountry.com.br.

Referências

- ALEM, João Marcos. Caipira e country: a nova ruralidade brasileira. 1996. Tese. (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CAILLOIS, Roger. O homem e o sagrado. Trad. Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1988.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.



_____. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

CHAUL, Nasr F. Goiás: da decadência à modernidade. Ciências Humanas em Revista, Goiânia, n. 6, v.2, p. 11-26, 1995.

_____. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Ed. da UCG / Ed. da UFG, 1997.

CUNHA, Euclides da. Os sertões. 18. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DIEGUES JÚNIOR, Manoel. O Centro-Oeste extrativista e pastoril. In: Regiões culturais do Brasil. Rio de Janeiro: Inep, 1960.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LAWRENCE, Elizabeth Atwood. Rodeo: an anthropologist looks at the wild and the tame. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

LIMA, Nei Clara; VALADARES, Ione Maria de Oliveira (Orgs.). Histórias populares de Jaraguá. Goiânia: Centro de Estudos da Cultura Popular, ICHL, UFG, 1983.

NOGUEIRA, Néia. Festa do peão de boiadeiro: onde o Brasil se encontra. São Paulo: Ícone, 1989.

NUNES, Heliane Prudente; FUNES, Antônio Eurípides. Goiás 1800-1850: um período de transição da mineração à agropecuária. Cadernos de Pesquisa do ICHL, n. 3. Goiânia, 1991. (Série Estudos Regionais)

PEREIRA, Eliane M. C. M. A construção de nação e região em Goiás, 1830-1945. Ciências Humanas em Revista, Goiânia, v.2, n. 6, p. 11-26, 1995.

PIMENTEL, Sidney Valadares. O chão é o limite: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UnB, Brasília.

RAMOS, Hugo de Carvalho. O interior goyano. A Informação Goyana, Goiânia, v.2, n. 3, p. 35-37.

_____. Tropas e boiadas. Goiânia: Ed. UFG / Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1998.

REGINA, Elis. Músicas do século. São Paulo: Polygram, 1998.

RIBEIRO, Joaquim. Folklore dos bandeirantes. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1946.



ROSA, João Guimarães. Grande sertão veredas. 33. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. Estas estórias. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SAHLINS, Marshal. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

SANTORO, Éver. O que você tem contra o rodeio? Goiânia, julho de 2001. Disponível em: <http://www.rodeionline.com>. Acesso em: 11 de jul. de 2001.

SENA, Custódia Selma. Os dois brasis: um estudo do dualismo nas interpretações do Brasil. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UnB, Brasília.

_____. A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica. Sociedade e Cultura. Goiânia, v. 1, n.1. jan./jun. 1998.

SILVA, Reijane Pinheiro. Aqui o sistema é bruto: movimento country e identidade goiana. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFG, Goiânia.

SOUZA, Laura de Mello e. Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

SGPA. Relatório final da Exposição Agropecuária de 1995. Goiânia: Ceres, 1995.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 1, n. 1. jan./jun. 1998.

_____. O regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

Jornais

CINCO DE OUTUBRO. Caderno Cidades. Goiânia, 16-23 out. 1995.

DIÁRIO DA MANHÃ. Seção Cartas do Leitor. Goiânia, 2 out. 1995.

_____. Seção Cartas do Leitor. Goiânia, 8 out. de 1995.

_____. Seção Cartas do Leitor. Goiânia, 14 out. 1995.

_____. Capa: Começou a festa do povo. Goiânia, 11 maio 1995.

_____. Caderno suplementar Diário da pecuária, Goiânia, 11 - 27 maio 2001.

Revistas

GOIANIDADE. Revista da Associação Goiana de Imprensa. Goiânia, dez. 1992. Edição especial.

ISTO É. A nação country. São Paulo: Editora Três, n. 1456, 27 ago. 1997.

RODEO LIFE. São Paulo: Editora Três, ano II, n.10, ago. de 1993.

RODEIO NEWS. São José do Rio Preto, SP: Editora Enigma, ano II, n. 8, abr. 1993.



VEJA. Meninos, me aguardem. São Paulo: Editora Abril, n.1664, 30 ago. 2000, p. 116.

VEJA. Profissão peão. São Paulo: Editora Abril, n.1708, 11 jun. 2001, p.71.

Sites

www.rodeionline.com.br

www.peacountry.com.br





Teses e Di ssertações



